Ano XI — Lisboa, Janeiro de 1955 — N.º 117

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A PROPÓSITO DO 10.º ANIVERSÁRIO

QUANDO QUERER É PODER



Os adágios populares são admiráveis expressões do pensamento humano, fruto de experiências adquiridas através de muito sofrimento, trabalhos sem conta, esforços contínuos, e transmitidos através de gerações, que neles têm encontrado estímulo para as mais duras contingências da vida. E não nos admiremos que tão profundas sínteses de sabedoria sejam colhidas na boca do povo simples. Se a experiência é a grande mestra da vida, essa gente consegue alcançar dela forte quinhão, porque muito sofre, muito luta e muito vive, conquistando assim um sentido precioso das coisas e dos homens.

«Querer é poder» é uma dessas inspiradoras sentenças. Revela-nos um conhecimento perfeito da personalidade humana e afirma-nos o poder extraordinário da vontade. De facto, quando o homem descobre que tem ao seu serviço tão prodigiosa força e resolve afincadamente fazer uso dela, encontra a chave que lhe abrirá as portas do triunfo e poderá conduzi-lo à realização das mais excepcionais empresas.

Contudo, apesar deste axioma se revelar assim tão sábio, não devemos esquecer de que se trata de uma síntese do pensamento e que, portanto, não pode conter um significado perfeito e completo. Ele encara apenas um aspecto da verdade e, compreendido num sentido absoluto, transformar-se-ia imediatamente num grosseiro pretensiosismo. O homem, ser finito, tem a vontade sujeita às limitações e insuficiências próprias da sua frágil natureza. Na verdade, não pode tudo quanto quer, isso é atributo divino. Só Deus quer e pode, só Ele tem Vontade soberana e Poder absoluto. Mas, paradoxalmente, o conceito interpretado à luz das naturais limitações humanas é que se revela extraordinàriamente sábio e adquire o sentido quase absoluto que lhe negámos em princípio.

O Homem, imagem de Deus, foi criado livre e possuidor de uma vontade poderosa que pode usar discricionàriamente para o Bem e para o Mal. Se usa a sua vontade ao serviço do Mal, as suas possibilidades são prodigiosas. O pecado, fruto da vontade humana, tem exercido no Mundo um poder excepcional que, por ir de encontro à vontade divina, resulta em prejuízo do próprio homem. O povo interpretou também esta circunstância à luz da experiência e disse que «quem semeia ventos, colhe tempestades». A situação difícil em que a humanidade hoje se encontra, a ameaça de tempestades medonhas desenhando-se rudemente no horizonte internacional, outra coisa não é senão a trágica consequência da vontade humana deliberadamente usada no serviço do Mal.

(Conclui na 2.ª página)

NO DIA DE ANO NOVO

O Presidente dos Escoteiros de Portugal recebeu cumprimentos dos dirigentes seus subordinados

No primeiro dia do Ano, o sr. Comandante Henrique Tenreiro recebeu no seu gabinete os dirigentes dos Escoteiros de Portugal, que lhe foram apresentar cumprimentos. Em nome destes, falou o Escoteiro-Chefe Geral, sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, que prestou homenagem à dedicação do sr. Comandante Tenreiro pela Associação, e afirmou que embora a muitos possa parecer estranho que um homem, com uma vida pública tão importante e tão ocupada, dedique a sua atenção a um Movimento de Escoteiros, ele, que conhecia a alma de Escoteiro do nosso Presidente e sabia do seu apreço pelo Escotismo, achava perfeitamente natural, e sabia que, se mais tempo não dedicava aos assuntos associativos, era simplesmente por não poder fazê-lo. Terminou declarando que o sr. Comandante Tenreiro podia contar com a sua colaboração e a colaboração de todos os chefes.

O sr. Comandante Tenreiro agradeceu e retribuiu os cumprimentos, dizendo depois que contava com a boa cooperação de todos, visto que a situação do Movimento exigia os esforços de todos. Declarou que poderiam contar com ele, como contam com o sr. Comodoro Duarte Silva, e que ambos não deixariam a Associação sem a entregar em mãos competentes, que tenham mãos vagar que não mais vontade que ele próprio. O sr. Presidente cumprimentou depois individualmente cada um dos presentes a quem agradeceu a sua manifestação de simpatia.

Dez estrelas de serviço

Dez anos dedicados a um mesmo trabalho, seguindo uma mesma trajectória, andando idêntico caminho, são muitos anos. Olha-se para trás e o dia do começo fica terrìvelmente longínquo; se olhamos para diante, uma data situada dez anos no futuro, parece que jamais chegará.

Se o manter-se firme, durante dez anos, numa mesma tarefa é sempre um mérito, este alcança foros de extraordinário quando esse trabalho consiste em publicar um modesto jornal escotista.

Pois esses dez anos de labor estão aqui, nestas páginas, plasmadas numa bela realidade. «Sempre Pronto», à força de entusiasmo, de coragem, de sacrifício ignorado, acaba de ganhar a décima estrela de serviço.

Durante dez compridos anos, «Sempre Pronto» manteve-se fiel ao ideal escotista, seguindo um caminho recto e ascendente. Em dura e permanente luta com a escassez económica, com falta de colaboradores, com a indiferença de muitos, um mês após outro, durante dez compridos

(Conclui na 4.ª página)

QUANDO QUERER É PODER

(Conclusão da 1.ª página)

Se o homem quiser servir o Bem, não são menos prodigiosas as suas possibilidades, mas ele precisa de exercitar a sua vontade para que possa e saiba querer com toda a decisão. Sobretudo, necessita de saber orientar a sua vontade de harmonia com os superiores ditames da Providência, pautar os seus actos de conformidade com os planos divinos e, então, verdadeiramente poderá tudo quanto quiser, porque soube subordinar a sua vontade relativa à Vontade Omnipotente do Criador e o seu «querer» não é mais que a vontade de realizar os supremos desígnios de Deus e assim «querer é poder».

Na história da humanidade brilham feitos prodigiosos realizados por homens que desta maneira têm sabido querer. Lembramo-nos de Nuno Álvares Pereira que, perante a tarefa gigantesca de enfrentar o formidável exército castelhano, soube curvar os joelhos e impetrar a direcção divina, para depois, com a força indomável de uma vontade que contagiou um punhado de valentes, realizar o milagre de dominar e desbaratar um inimigo excepcionalmente forte e poderoso. O Infante D. Henrique é outro dos mais expressivos exemplos de valor de uma vontade firme, serena e superiormente orientada. Debruçado no promontório de Sagres, suspenso entre o Céu e o Mar, sabia bem o que queria e que a sua vontade era a expressão da própria Vontade Divina. Por isso ele desvendou os mistérios dos oceanos e traçou as rotas que levariam os navegadores a realizar o formidável prodígio de *dar novos mundos ao Mundo.*

Pasteur, contra quem se levantaram todos os obstáculos da maldade e da incompreensão dos homens, não consentiu que a sua Vontade fosse quebrantada pelas dificuldades, colocou-se na dependência de Deus e, de investigação em investigação, com uma tenacidade constante, arredou todos os obstáculos e alargou consideràvelmente o conhecimento humano, inaugurando uma nova era no tratamento e cura de doenças que atormentavam dolorosamente os povos.

É de homens desta têmpera que o Mundo carece. Os problemas que a humanidade hoje enfrenta serão resolvidos quando houver homens que conheçam o segredo da Vontade, sejam capazes de colocar todas as suas capacidades ao serviço das boas causas, e, com os olhos no Céu, se disponham a realizar as tarefas grandiosas que os esperam. Sempre, porém, que no exercício da vontade conseguirmos êxitos, não nos deixemos deslumbrar com a magnitude das obras alcançadas. Saibamos manter a atitude humilde de quem reconhece que os méritos lhes não pertencem mas são de Quem nos manda. No fragor das lutas que tivermos de travar com os invejosos e despeitados, saibamos ouvir, como Josué ouviu no momento difícil de conduzir os israelitas à conquista da Terra Prometida, o Senhor segredar-nos: «Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo, não pasmes nem te espantes: porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares».

* * *

A regular publicação do «Sempre Pronto» é apenas uma pequena tarefa. Todavia, se considerarmos as tremendas dificuldades que tem sido possível vencer para atingir este 10.º Aniversário que, com tanta alegria, vimos comemorando, se tivermos em conta que nunca outro jornal dos Escoteiros de Portugal conseguiu tão assinalado êxito, será ingratidão deixar de reconhecer que a manutenção deste pequeno jornal durante uma dezena de anos é obra de que nos podemos orgulhar. Sobretudo, lembramo-nos que o nosso modesto órgão de imprensa tem podido ser o elo que une uma família numerosa de escoteiros e antigos escoteiros, em Portugal e no Ultramar, na Espanha, no Brasil e noutros Países amigos, tendo insuflado vida ao Escotismo Nacional e mantido a fé de muitos que, sem esta chama, teriam desanimado.

Reconhecemos, porém, que sem a cooperação de tantos amigos não teríamos alcançado este êxito e que, se atingimos aquilo que a tantos parecia inacessível, é porque nestas colunas temos procurado servir independentemente o Escotismo, obra cuja projecção no Mundo é garantia segura da aprovação divina.

Seguindo nesta mesma orientação que a nós próprios traçámos, colocando o serviço de Deus e da Pátria acima dos nossos próprios interesses, procurando auxiliar o nosso próximo e pautando a nossa vida pela Lei do Escoteiro, certamente que novas conquistas poderemos ainda alcançar.

É este o compromisso que ratificamos nesta hora tão solene para nós, agradecendo a todos os nossos amigos e colaboradores a sua presença e o estímulo da sua amizade.



Guias de Portugal

A Secretaria Nacional das Guias de Portugal pede-nos para que levemos ao conhecimento de todos os interessados no nosso Movimento que a Associação das Guias de Portugal retomou a sua actividade, tendo já sido publicado nestas colunas a constituição dos seus organismos directivos.

Qualquer informação sobre este Movimento ou ainda sobre a constituição de novas Companhias, pode ser pedida para a Comissária Regional de Lisboa, sr.ª D. Maria Palmira Santiago, Rua Vítor Cordon, 14, 4.º, Lisboa.

Auguramos à Associação das Guias de Portugal um grande desenvolvimento e progresso.

Grupo Rainha D. Leonor

Festa Artística — No dia 13 de Dezembro passado, esta Companhia realizou uma festa artística no Salão Nobre da Juventude Evangélica Portuguesa, tendo apresentado uma dança regional e duas comédias. Foram intérpretes as guias D. Vera Varela, Rosete Cabral, Piedade Azevedo, Maria do Carmo Pereira, Francelina Gomes, Clementina Tavares, Susete Varela, Eunice Soares e Maria Afra Soares. Todas desempenharam os seus papéis com muito acerto, tendo merecido os maiores elogios do público que esgotava a lotação daquela sala.

Entre as principiantes, merece especial relevo a actuação das guias Eunice Soares e Clementina Tavares. Principalmente a primeira apresenta-se com muita segurança. No conjunto, esta Companhia tem possibilidades de maiores realizações.

Apresentaram poesias as guias Sara Serra, Piedade Azevedo, Afra Soares, Francelina Gomes e Maria Adelaide Calvelas.

● **Boa Acção do Natal** — No dia 26, esta Companhia promoveu a sua B. A. oferecendo um lauto almoço, na sua sede na Rua de S. Bento, 636, a 25 criancinhas suas protegidas.

Intercâmbio por correspondência

Pedro Gómez Muñoz, caminheiro espanhol com muitos anos de serviço, deseja corresponder-se com um escoteiro português, afim de trocar impressões sobre o nosso «grande jogo». Interessa-se por Filatelia. — Saurín, n.º 6 — Bajo — Murcia — Espanha.

* * *

José Manuel N. Rodrigues, caminheiro do Grupo 40 de Setúbal, deseja corresponder-se com jovens escoteiros das ilhas adjacentes ou das províncias ultramarinas, bem como Espanha e América Latina. Interessa-se por Desportos, Literatura e Filatelia. Bairro Presidente Carmona, 50 — Setúbal — Portugal.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



Esplêndido vôo... a partir de hoje só utilizarei o RAINBOW

O RAINBOW, numa viagem de ida e volta aos E. U. A. poupar-lhe-á 5.149$00 sobre o preço da primeira classe, incluindo taxas.

O popular serviço turístico da Pan American é o novo padrão por excelência das viagens aéreas a preços económicos. Quando viajar no Rainbow disfrutará de todas estas vantagens, sem aumento de preço:

- Novos e gigantescos Clippers* Super-6.
- Possibilidade de escolha de um maior número de vôos
- Refeições excelentes; serviço de bar a preços módicos
- Assentos espaçosos e confortáveis
- Maior experiência nos vôos transatlânticos
- 411 escritórios para o ajudarem

Dirija-se ao seu
AGENTE DE VIAGENS
ou à Pan American World Airways, Inc.,
Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa
Telefone 3 2181 (8 linhas)

PAA

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ 17 ANOS

* Marca Registada da Pan American World Airways, Inc.

PAN AMERICAN

Biologia e Medicina

pela Dr.ª LÍDIA DE MEDEIROS

É curioso notar que a maior parte das pessoas, e aqui incluo eu todas aquelas que beneficiam de um certo grau de cultura, ignoram qual o campo de acção da Biologia e, ainda, qual a sua aplicação. Todas, mais ou menos, sabem o que significa Medicina. Associam, acto contínuo, a este conceito, as ideias de doença e respectivo tratamento de médico, ou seja aquele que versa Ciências Médicas, e todas as outras ideias inerentes ao referido ramo científico. Quando se trata de Biologia, raramente se encontra quem esteja tão bem informado sobre as possibilidades e os desígnios do assunto em questão. Esta lamentável ignorância resulta, sem dúvida alguma, da pouca divulgação que até hoje se tem concedido aos problemas biológicos. Uma grande parte das actividades que deveriam ser desempenhadas apenas por biologistas, que para tal receberam uma preparação adequada, é entregue a médicos e, como problemas médicos, surgem à apreciação do público curioso destes assuntos. É, este, o caso da investigação referente a qualquer sector da biologia.

O que é então Biologia? Que relação existe entre Biologia e Medicina? Etimològicamente, a palavra Biologia, compõe-se dos vocábulos gregos *bios* (vida) e *logos* (tratado); é, portanto, um tratado da vida. Ora a vida, até hoje, ignora-se o que seja; conhecem-se, sim, as suas manifestações e o comportamento dos seres vivos e, é precisamente pelo estudo aprofundado destes seres vivos, da sua morfologia, tanto externa como interna, da sua fisiologia, da reciprocidade das suas relações, da sua evolução, etc., que conseguimos fazer uma ideia, ainda que imperfeita, do que seja a vida. E assim, partindo dos seres mais rudimentares, daqueles que são constituídos por uma única célula, a qual tem a seu cargo, todas as funções inerentes à vida, estuda-se os seres progressivamente mais complexos, aqueles que são formados por um conjunto de numerosas células que, em indivíduos altamente organizados, e aqui incluímos já o homem, possuem uma diferenciação para o desempenho de determinadas funções. A Biologia não é mais que a ciência basilar, os alicerces sobre que se edifica a Medicina, no que se refere ao homem, e a Veterinária, no que se refere aos animais.

Se é certo que a Medicina e a Veterinária têm a seu cargo a principal função de prevenir e entravar todas as manifestações patológicas a que os seres animais estão sujeitos, não é menos certo que à Biologia cumpre a não menos gloriosa missão de não só prever essas mesmas manifestações, mas ainda o meio de as evitar e, o que mais é, a de aspirar ao aperfeiçoamento progressivo de todos os seres, inclusivamente o homem, pelas suas experiências de hereditariedade e selecção.

Pergunta-se, pois: qual o motivo por que o médico e o biologista, cujas actividades não se excluem mas, antes, se completam, hão-de ainda hoje trabalhar isoladamente, com visível prejuízo para este último, quando poderiam, lado a lado, actuar no mesmo campo num esforço comum para o aperfeiçoamento da Humanidade?

• • o • •

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

Dez estrelas de serviço

(Conclusão da 1.ª página)

anos, «Sempre Pronto» repetiu o milagre de lançar aos ventos um novo número, sem interrupções, sem soluções de continuidade.

A história dos Escoteiros de Portugal, nos dez últimos anos, está cheia de altos e baixos, de magníficos projectos nunca levados a efeito, e de estupendas realizações que não foram projectadas prèviamente. Nessa história ocupa um lugar concreto, por direito próprio, o «Sempre Pronto», um posto ganho por honradez jornalista, por independência informativa, pela lealdade ao supremo ideal escotista.

Nestas páginas assinalaram-se erros, examinaram-se problemas, exaltaram-se êxitos. Aqui se desenvolveram profundas teses escotistas e pedagógicas, e se vulgarizou a técnica do nosso método. Nomes prestigiosos, juntos com outros desconhecidos, uniram-se no comum afã de fazer quanto sabiam e o melhor que podiam para ajudar a juventude a seguir o caminho do bem. «Sempre Pronto» foi o clarim dos Escoteiros portugueses que lançou as suas notas por todo o mundo escotista.

Este jornal sem gravuras, de aparência pouco bonita, simples e modesto dos quatro costados, converteu-se em algo habitual, necessário a todos. Para nós, para os que em terras hispânicas velam as armas tristes da espera, «Sempre Pronto» é o mensageiro que nos traz o abraço da Grande Família Escotista, animando-nos a prosseguir na senda do nosso Ideal.

* * *

Todo o trabalho, toda a missão no Escotismo, é sempre uma questão de equipa. No jogo, no serviço, na tarefa, é a Patrulha ou o Clã que colhe os louros da vitória ou carrega com o fracasso. O «Sempre Pronto» é também uma equipa, um Clã em serviço permanente pelo Escotismo português. E toda a sua equipa, essa Clã que se compõe pelo Director e pelos outros colaboradores até ao último tipógrafo, é que ganhou esta décima estrela de serviço.

Todavia, nestes momentos de euforia, é necessário destacar, nesta equipa, neste Clã de trabalho, três escoteiros exemplares que com o seu labor pessoal tornaram possível que o periódico alcançasse a presente antiguidade. Eles empunharam o timão deste barco há já dez anos e o conduziram a porto de abrigo. Todos cooperámos de algum modo nos trabalhos de navegação, porém, foram eles que da ponte de comando marcaram a rota nas dez viagens percorridas.

Que o «Sempre Pronto» continue a seguir uma rota em mar livre de escolhos até ao porto da felicidade, é o fervoroso voto do mais modesto dos seus colaboradores.

Madrid, Novembro de 1954.

ENRIQUE GENOVÉS

Professor Doutor Vítor Fontes

O Pestalozzianum de Zurique, organização que tem como alta finalidade o patrocínio de iniciativas que possam contribuir para a educação, desenvolvimento e bem-estar da criança, e ainda a distinguir aqueles que mais contribuem para este mesmo objectivo, conferiu recentemente o Prémio Pestalozzi ao ilustre Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e digno Director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, Sr. Professor Vítor Fontes.

Na sede daquele Instituto foi entregue ao digno cientista e grande educador a Medalha de Ouro Pestalozzi, distinção pela primeira vez conferida a um português e só quatro vezes atribuída a entidades de renome mundial, sendo uma delas a notável educadora Montessori.

O «Sempre Pronto» respeitosamente felicita o Sr. Professor Vítor Fontes pela justa homenagem que foi prestada ao seu labor científico e humanitário, pois a sua notável e devotada obra no campo da Psiquiatria Infantil e na direcção do modelar Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, impõe-se à consideração mundial e honra de sobremaneira a nossa Pátria.

Escotismo e Campismo



Os últimos anos têm visto em Portugal desenvolver-se extraordinàriamente um desporto que, afinal, não é inteiramente novo entre nós: o Campismo. Mal o tempo começa a aquecer, logo se vêem campistas ajoujados sob o peso dos seus sacos alpinos, de perna à vela, a pé ou pedalando pelas estradas, algumas vezes até de automóvel, por muito que a um Escoteiro possa custar a acreditá-lo, sendo frequente depararem-se-nos acampamentos de campistas à beira dos caminhos, junto dos rios ou instalados nos recôncavos dos montes. Tudo isto demonstra ter-se radicado entre nós o gosto pelo desporto por excelência (por ser a síntese de todos os desportos) — o Campismo.

O facto seria para nos regozijar, a todos quantos um dia vestimos o singelo uniforme de Escoteiro e nos deliciámos com as noites passadas debaixo da tenda, ou então *à la belle étoile*, ouvindo o sussurro das árvores a ramalhar, o piar monótono do mocho, o deslisar suave do ribeiro sobre o seu leito areento, ou o espadanar das águas caindo de qualquer cascata próxima. Deveríamos de facto regozijar-nos se...

Se, antes de mais nada, se tivesse feito a devida justiça ao Escotismo, por obra e graça do qual se realizaram os primeiros acampamentos em Portugal ao começar a segunda década do século. Antes de os Escoteiros da A. E. P., no Sul, e os Adueiros da U. A. P., no Norte, terem realizado os primeiros acampamentos no nosso País, ninguém pensara ainda em dedicar-se a tal desporto, embora em Inglaterra, na França, na Bélgica, na Suíça ele já fosse razoàvelmente praticado. Foi, de facto, o Escotismo quem o introduziu em Portugal e quem, durante muitos e muitos anos, o impulsionou, até surgirem instituições pré ou para-militares a fomentá-lo em bases levemente diferentes daquelas sobre que assentava e ainda assenta o campismo dos Escoteiros.

Mas isto tem importância muito secundária, embora eu lhe tivesse dado o primeiro lugar. Não ficaria mal aos campistas portugueses serem gratos à memória de Baden-Powell, pela mão do qual o Campismo recebeu a consagração do nosso século. Mas o que tem primacial importância é que tal desporto se radicasse, enfim, entre nós, atendendo ao seu alto valor educativo e às benéficas consequências que dele podem resultar para o revigoramento físico e moral dos Portugueses.

O aspecto criticável do Campismo entre nós é, porém, a forma como aqui se pratica, mesmo por parte dos que se lhe dedicam por equipas devidamente orientadas por técnicos especializados, que esquecem normalmente as bases formativas que o desporto requer e sem as quais os resultados são sempre negativos.

Vejamos como é que o Campismo se compreende dentro da orgânica do Escotismo de todo o mundo.

Quando Baden-Powell teve a intuição do partido que podia tirar, levando os rapazes ingleses a viverem a vida ao ar livre, ele não pensou em fazê-los viver essa vida ùnicamente para lhes retemperar as fibras musculares: a prática do Campismo era um *meio* de se alcançarem objectivos mais elevados, porquanto aquilo a que o ilustre defensor de Mafeking visava era a elevação do *moral* e da *moral* dos Ingleses pela prática de todos os desportos que fossem capazes de lhes dar a noção do dever para com a Pátria, a Família e a Humanidade.

Sendo, como deixei dito, o Campismo a síntese de todos os desportos, ele não é, todavia, *apenas* isso, porque é muito mais. O simples facto de um acampamento só poder instalar-se pela acção conjunta de *todos* os campistas, dá-lhes uma noção de «solidariedade» que se encontra muito acima do simples conceito corrente de «camaradagem». Evidentemente que o campista isolado pode fazer tão bom campismo como os grupos de campistas, e disso já Baden-Powell teve a intuição genial criando oportunamente o *Lonecraft* — o Escotismo isolado — para os rapazes que, por causas várias, não possam agregar-se a qualquer grupo de Escoteiros. Para tal solidariedade contribui tudo, desde a simples instalação do acampamento, até às práticas desportivas que decorrem pelo dia adiante.

Mas — aqui é que reside o mais importante da vida escotista de campo — tôdas as actividades campistas convergem para um mesmo e *único* fim: elevar moralmente o rapaz e fazer dele um cidadão prestante e um Homem, com H maiúsculo. O tempo, num acampamento de Escoteiros, está sàbiamente doseado: o horário, que tantas vezes se afixa no poste no topo do qual se hasteia a Bandeira Nacional, determina rigorosamente as ocupações dos rapazes durante as 24 horas do dia, por forma que não haja perdas de tempo, nem oportunidade para uma ocio-

(*Continua na 6.ª página*)

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 85 — Lisboa

No dia 8 de Dezembro, Dia da Mãe, realizou-se no Grupo 85, uma pequena festa íntima que reuniu na sua sede as mães dos seus escoteiros. Após algumas palavras do Chefe Sr. Magalhães Ferraz, este procedeu à entrega de diplomas de classes terrestres e marítimas e à colocação na bandeira do Grupo, da medalha comemorativa do Acampamento Internacional de Patrulhas do Brasil. A aludida medalha fora oferecida pelo Escoteiro-Chefe sr. Albano da Silva ao Chefe Magalhães Ferraz que, com licença daquele, a decidiu confiar à guarda dos rapazes do 85.

Foi servido um chá à assistência. Como nota curiosa nesta pequena festa, tivemos a presença de dois escoteiros alemães que num curto discurso, disseram que se encontravam bastante sensibilizados e também contentes por se encontrarem entre escoteiros portugueses. — C.

Grupo n.º 77 — Faro

Este Grupo realizou, no passado dia 19 de Dezembro, uma festa na sua sede, aproveitando a quadra festiva, tendo servido um café a todos os escoteiros presentes.

Às 15 horas do mesmo dia, efectuou-se uma sessão solene com a presença das famílias dos escoteiros, tendo prestado Compromisso de Honra 6 novos escoteiros.

Foram entregues estrelas de antiguidade aos escoteiros José Manuel Eusébio Carrusca, Francisco Maurício, Fernando Rosa C. Matos, Laurentino R. Miguel, João do Nascimento, Manuel F. R. Aurélio, Alvaro Chumbinho e António Cunha.

Prémio Major Rocha de Abreu

Este concurso, que despertou muito entusiasmo neste Grupo, foi ganho pela patrulha «Leão», que recebeu o respectivo prémio.

O Grupo 77 vai desenvolver no corrente ano uma actividade mais intensa, segundo plano já estabelecido pelo seu Chefe sr. Mário Martins. — C.

Grupo n.º 53 — Lisboa

A patrulha «Águia» deste grupo teve a feliz iniciativa de promover a realização de sessões de cinema. Em Dezembro passado efectuou uma sessão para crianças com «A Branca de Neve...» e no dia 14 do corrente vai apresentar a película «Os Dominadores» extraída de um bom romance de aventuras no Oeste, numa brilhante interpretação de John Wayne.

Os escoteiros podem pedir o bilhete de admissão na Secretaria do Grupo.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Esta unidade realizou no passado dia 2 a sua tradicional B. A. do Natal, distribuindo roupas, géneros alimentícios e dez escudos a 12 crianças pobres do Bairro de Alcantara.

Felicitamos o 79 pela sua perseverante iniciativa para a qual contribui com grande medida a Chefe de Alcateia sr.ª D. Maria de Lurdes Carvalho.

Agradecemos a importância de 20$00 oferecida para os nossos pobres.

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Escotismo e Campismo

(Continuação da 5.ª página)

sidade, que é o maior inimigo do Escotismo. As ocupações do Escoteiro no acampamento, pela sua variedade, não enfastiam e contribuem para fazer «voar» o tempo, enquanto, por outro lado, vão ensinando ao rapaz o valor do esforço na prossecução dum objectivo comum. Desde o toque de alvorada, antes ainda do Sol nascer, até ao silêncio, após a extinção do Fogo do Conselho, que variedade infinita de ocupações não têm os rapazes... E quantas vezes tantas dessas actividades não lhes dão profundas lições de Beleza e de Amor...

Logo de manhã, ao toque de alvorada, quando o rapaz salta do seu leito de palha ou folhas secas, aspirando a largos haustos o ar puro da alva, a par do que de saudável tal prática tem, recebe uma funda lição de Beleza que lhe transmite a Natureza-mãe que então desperta: as últimas estrelas a apagar-se e a sumir-se, o despertar das aves que se afadigam na busca do cibo para si e para os filhos, a névoa que se vai desvanecendo lentamente, como ténue manto a levantar-se sobre a Natureza que acorda para a vida do dia, e, depois, o espectáculo formidável do nascer do Sol, precedido desse quadro deslumbrante, que nenhum pintor, nenhum escritor, nenhum poeta foi jamais capaz de reproduzir fielmente: a Aurora.

A observação da Natureza e da vida activíssima que rodeia o campista dá-lhe noções variadíssimas, que não são simplesmente de ordem cultural ou estética, mas, acima de tudo, formativa: a vida animal em todas as suas manifestações, a ave que defende dum intruso o ninho, o cão que salva uma rês da morte, a lagartixa que se introduz, receosa, por entre as pedras ou se espaneja, contente, à luz solar que lhe arranca da pele as cores mais variadas, o boi que levanta para o homem os seus olhos parados, mas cheios de melancolia, o burro de ar resignado e filosófico sob os sacos de farinha ou os toros de madeira com que o carregaram, tudo isto pode constituir motivos para excelentes lições por parte do Escoteiro-chefe.

Depois, além das actividades inerentes ao acampamento — cozinhar, arejar as tendas, lavar a loiça ou a roupa, rachar lenha, cavar as sentinas, abrir fornalhas, etc. — há os jogos, que podem ter os rapazes entretidos grande parte do tempo. Se, por um lado, eles lhes dão oportunidade para desenvolver os sentidos e os músculos — rastejar, trepar, saltar, correr, ver sem ser visto, seguir uma pista, observar a direcção do vento, abrir um fosso, atirar o laço, atravessar um ribeiro a nado, construir uma ponte, escutar os menores ruídos, etc. — por outro proporcionam-lhes ocasiões para a prática de excelentes virtudes morais — lealdade para com os antagonistas, autodomínio, presença de espírito, solidariedade com a sua equipa.

Vem depois a noite. E aceso o Fogo do Conselho, enquanto esfusiam as anedotas, se «desenferrujam» as pernas dançando e se faz entrar mais oxigénio nos pulmões cantando, a paz ambiente vai penetrando o próprio ser do campista, transmitindo-lhe uma profunda e bela lição de serenidade, que a luz solar não pode dar.

Quando se extingue a fogueira, o rapaz pousa a cabeça no saco alpino e adormece tranquilamente, cansado de corpo, sim, mas com a satisfação de ter cumprido o seu dever para consigo mesmo, aprendendo a dominar-se e a conhecer-se a si e aos outros, para com a Pátria, robustecendo-se para depois a servir, qualquer que seja o campo onde venha a prestar os seus serviços, para com a Humanidade, aprendendo a contribuir com o seu esforço pessoal, por pequeno que seja, para apertar os laços que devem unir todos os homens.

Eis a grande lição que o Escotismo dá aos rapazes que se lhe entregam levados nas asas dum grande entusiasmo, que pode ser também um grande sonho. Aquele que viveu as horas deliciosas dum acampamento — e sem vida activa ao ar livre não pode haver Escotismo, mas simplesmente mascarada — volta às suas ocupações profissionais retemperado fisicamente, porque as suas actividades campistas foram sàbiamente distribuídas, sem excessos de qualquer ordem; moralmente, porque aprendeu a grande lição da Liberdade, condicionada pela autodisciplina; espiritualmente, porque «lavou» a alma desanuveando-a e, ao mesmo tempo, deixando-a penetrar-se dessa Beleza imarcescível da Criação. Tríplice objectivo que só se alcança pelo Escotismo.

Pergunto: será este o escopo dos campistas modernos, que não pertencem a qualquer organização escotista? Procurarão os vários grupos e associações de campistas fazer dos seus sócios homens moralmente mais perfeitos, ou apenas proporcionar-lhes uma «evasão», mais ou menos demorada, ao dia-a-dia banal e enervante? Reinará *sempre*

(Conclui na 7.ª página)

As comemorações do 21.º Aniversário do Grupo 53

Prosseguiram no dia 5 de Dezembro passado, estas comemorações, com uma sessão solene que se efectuou na sede do Grupo.

Presidiu o Rev. Eduardo Moreira, secretariado pelos srs. Alves de Azevedo, Pereira Soares, chefe do Grupo 93, de Sintra, Carlos Carvalho, representando os pais dos escoteiros e Capitolino Ferreira Macedo, chefe do Grupo 94.

O Grupo 53 cantou a primeira estrofe do seu hino, «Prontidão do Escoteiro». O Rev. Moreira abriu a sessão e referiu-se às influências que o Escotismo exerce no carácter do rapaz e felicitou os Escoteiros do 53 pelo facto de pertencerem a um Grupo onde poderão receber bons traços do seu carácter, terminando por desejar muitas prosperidades ao 53 no novo ano de trabalho.

O chefe Armando Lino, principal impulsionador do Grupo a que tem dado um esforço e uma dedicação sem limites, fez a história do 53 e referiu-se aos dirigentes que o antecederam na chefia daquela unidade.

O Grupo passou agora a contar com um novo colaborador, o caminheiro sr. António Rodrigues, antigo membro do C.N.E., que ratificou o seu Compromisso de Honra. Igualmente ratificaram a sua promessa seis escoteiros que passaram à secção de Exploradores.

Perante a saudação dos escoteiros, foi colocada no estandarte a 21.ª estrela de actividade. Outra cerimónia que emocionou a assistência, foi a colocação no braço do caminheiro Rui Cunha, da insígnia de Escoteiro da Pátria. O chefe do Grupo pôs em evidência as qualidades de Rui Cunha, companheiro fiel dos seus camaradas, sempre pronto a servir, e tanta sinceridade e amizade pôs nas suas palavras, que sensibilizou todos os presentes.

A sessão terminou com uma prece pelo presidente da mesa, depois do Grupo ter entoado a canção «Eh lá!».

Outro problema difícil

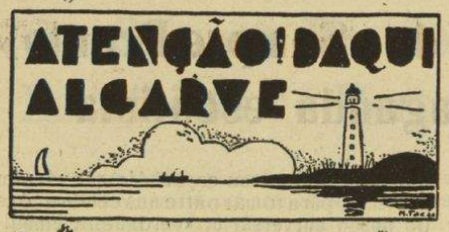
O Carlos teve uma boa ajuda para a solução do problema difícil que apresentámos no número de Novembro passado. O escoteiro Vítor Venâncio de Jesus, do Grupo n.º 6, de Olhão, mandou-lhe a solução certa. Dois nenúfares levariam 19 dias a cobrir o tal lago. E está certo, visto que, se o nenúfar duplica diàriamente de tamanho, ao segundo dia o seu tamanho é igual ao de dois nenúfares. Portanto dois nenúfares levariam sòmente menos um dia a encher o tal lago,

* * *

O Carlos entusiasmado com o resultado obtido (graças ao auxílio do Venâncio), propôs novo problema.

— Ora resolve lá este, João: Quis saber a idade do Tio Matias e perguntei-lhe. Ele respondeu-me: «*A minha idade é maior que 50 e menor que 70 anos. Tenho um certo número de filhos e cada um destes filhos tem tantos filhos como irmãos. Ora a minha idade é exactamente igual à soma do número dos meus filhos com o número dos meus netos*». Vê lá se és capaz de saber quantos anos tem o tio Matias. E diz-me como conseguiste saber.

Todos os nossos assinantes que nos remeterem as soluções certas e explicadas, receberão uma pequena lembrança.



Notícias do 60 — Vila Real de Santo António

Em 5 de Dezembro, deslocou-se este Grupo a Castro Marim. As três patrulhas realizaram mais um óptimo exercício.

O Grupo teve ainda ensejo de visitar o histórico castelo daquela localidade e o pequeno Museu Arqueológico existente no edifício da Câmara Municipal.

Após estas visitas efectuou-se um desfile pelas principais ruas castromarinenses.

● O «60» colaborou em 26 de Dezembro num cortejo de oferendas realizado em benefício do Hospital da Misericórdia local.

A patrulha «Lobo», bem secundada pela «Poupa» e «Águia», ornamentou a preceito o pequeno carro do Grupo que constituiu um dos atractivos do cortejo, cujo recheio se compunha de géneros alimentícios de toda a ordem, que literalmente o enchiam, oferecidos pelos escoteiros e suas famílias.

● Permaneceram alguns dias entre nós os escoteiros alemães Matthaei Walter e Bousset Rudiger.

● Terminou em 30 de Novembro o concurso «Observação e Iniciativa» organizado pela patrulha «Poupa», em que tomaram parte todos os escoteiros da mesma.

O prémio, uma marmita de alumínio, foi ganho pelo escoteiro Júlio Gregório e entregue na noite de 1 de Dezembro.

• • o • •

Repartição Internacional de Escotismo

«Boy scouts in five continents»

É este o título de uma pequena brochura publicada recentemente por esta Repartição, onde se podem ver os nomes, os endereços e as insígnias de todas as associações escotistas reconhecidas, contendo ainda apontamentos históricos do Movimento e algumas fotografias de actividades mundiais. O seu preço é de 2 s. e 6 d.

«Scout badges of the World»

A mesma Repartição publicou um quadro contendo todas as insígnias escoteiras do Mundo, tendo ao centro a insígnia mundial. O seu preço é de 1 s. O d. impresso em papel e 2 s. O d. colado em cartão.

«World Scouting»

A revista «Jamboree» que, mensalmente, nos traz notícias do Escotismo em todo o Mundo e artigos de muito interesse sobre o nosso Movimento, mudou de título e passa a denominar-se «World Scouting» a partir de Janeiro de 1955.

Esta revista, escrita nas línguas inglesa e francesa, mas principalmente na primeira, mudará também de formato e publicar-se-á com 64 páginas. A assinatura do «World Scouting», pode ser feita directamente para «The Boy Scouts International Bureau», 132, Ebury Street, London S. W. 1 ou por intermédio da A. E. P. ou do C. N. E..

Mensagem do Ano Novo

do Presidente dos Escoteiros de Portugal

Escoteiros:

É com especial afecto que nesta data venho desejar-vos e a vossas famílias, em qualquer parcela da Pátria onde vos encontreis, as maiores felicidades no ano de 1955 e que nos vossos lares, escolas e acampamentos, haja paz, alegria e boa vontade.

Acompanhando a acção persistente dos dirigentes, fàcilmente se concluirá que o novo ano trará à A. E. P. importantes factos que a vão habilitar mais ainda a caminhar para diante por um escotismo melhor e mais intenso.

Não quereria deixar-vos sòmente os meus votos, mas, aproveitando a oportunidade, falar de alguns pontos que considero essenciais.

O escotismo é um Movimento e como a própria denominação o indica, uma escola que não se fixa; sem diminuir a importância das sedes, movimentai os rapazes sempre que possível, para fora destas, procurando motivos e ambientes que em lições reais possam contribuir para a sua educação. O escotismo é um jogo e como tal é para ser vivido fora, ao ar livre, não pode ser submetido ou limitado por regulamentos, manuais ou salas de aula. O seu horizonte de estudo é a vastidão das serras, das cidades, dos rios, dos mares.

Recordemos agora um aviso de Baden-Powell que importa relembrar ao começar um ano de actividades:

«Não deixemos que a técnica se sobreponha ao moral!»

O nosso fim é formar caracteres sãos; os caracteres da juventude de hoje é que delinearão o destino do Mundo de amanhã. Vós sois verdadeiros e leais, sois prestáveis e corteses, sois disciplinados e alegres, económicos e respeitadores, sois puros. A lei do escoteiro afirma que sois e porque SOIS, haveis de QUERER. Dizia um escritor que QUERO é a palavra mais rara que existe no Mundo; eu desejaria que ela fosse para vós uma segunda divisa.

Querer, e conservando-vos fortes e bons cristãos, levar a bom termo as empresas a que meterdes ombros alcançando os objectivos grandes do escotismo. Querer sempre, servindo: conseguireis entretanto que se firme aquela certeza de que estais em todas as circunstâncias dados ao serviço do próximo, sem a rigidez de paradigmas técnicos ou sociais, mas num sentido humano e fraterno. Ninguém duvidará da medida em que poderá contar convosco, pois, como no verso de Kipling, quem o fizer, encontrará mais do que a conta. Um dia, quando homens, sentindo os benefícios colhidos das leis, jogos, símbolos, pensareis que valeu a pena ter sido escoteiro.

Apraz-me registar as relações estreitas com os escoteiros do Brasil, recentemente demonstradas na recepção oferecida quando da nossa participação no Acampamento Internacional de Patrulhas, de Interlagos, e patenteada nas mais carinhosas e simpáticas manifestações de amizade por parte de todas as entidades e individualidades da grande Pátria de além Atlântico que daqui saúdo com a maior estima.

Temos presente, finalmente, os esforços e a dedicação daqueles que nos acompanham nesta tarefa de servir a juventude portuguesa: os chefes, os dirigentes, os amigos. Não queremos outra recompensa senão a de que tenham aproveitado para a vida, como autênticos homens, os jovens que hoje vestem o uniforme de escoteiro, e que, em todos os momentos, não se esqueçam dele, como fiéis servidores de Deus e da Pátria.

"Sempre Pronto"

O Presidente

a) *HENRIQUE DOS SANTOS TENREIRO*

Escotismo e Campismo

(Conclusão da 6.ª página)

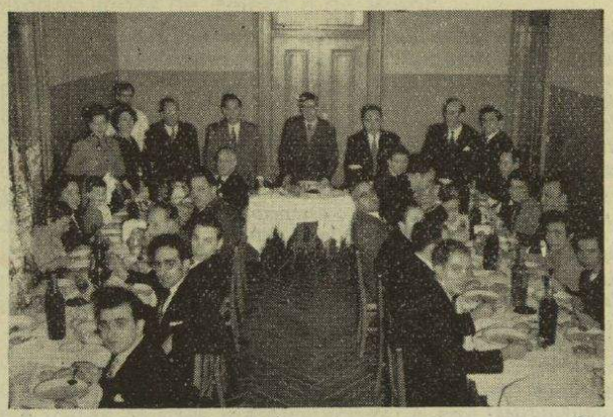
a mais rigorosa moral na vida dum acampamento, quando este não tem a nortear os actos dos campistas um alto ideal humano? Não me atrevo a responder a estas perguntas, quer afirmativa, quer negativamente, para não errar. Todavia, por alguns casos que chegaram ao meu conhecimento, e por certas queixas e censuras já vindas a público na imprensa periódica, creio bem que o Campismo português está a requerer, por um lado, legislação adequada e rigorosa para evitar desmandos e excessos, pelo outro, a elaboração dum código moral do Campismo, para que tão belo desporto não possa vir a desvirtuar-se por força de maus hábitos, dos péssimos hábitos das nossas gentes, lançando-se assim o descrédito sobre as actividades campistas e perdendo-se a grande lição da Natureza, a Mestra eterna do Homem.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

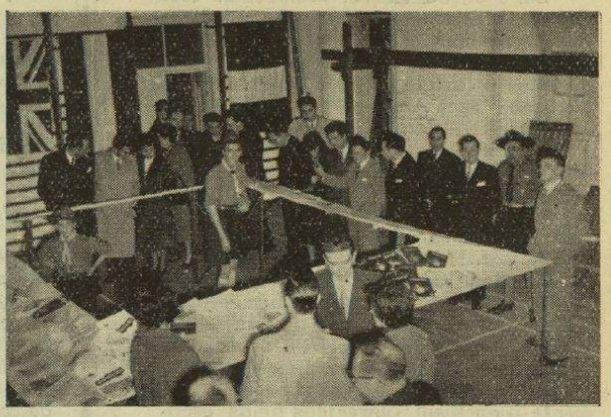
A sessão comemorativa do 10.º aniversário do «Sempre Pronto» constituiu uma bela jornada de propaganda escotista

Uma sessão inolvidável

A sessão solene comemorativa do 10.º aniversário do «Sempre Pronto», que se realizou no dia 3 do corrente, foi assinalada por um invulgar ambiente de entusiasmo escotista, que deixou nos presentes a melhor das impressões. Para tal, muito concorreu não só a sumptuosidade da sala gentilmente cedida pelo Ateneu Comercial de Lisboa, em que o Escotismo em geral e o «Sempre Pronto» em particular, têm encontrado sempre a maior hospitalidade como também a enchente registada, na qual se podiam contar algumas das mais prestigiosas figuras do Escotismo Português.



Um aspecto parcial do Almoço de Confraternização



Um aspecto parcial da Exposição da Imprensa Escoteira Mundial

Deputações de diversos Grupos de escoteiros e guias de Lisboa, fizeram a guarda de honra às entidades oficiais, durante a sessão, que foi presidida pelo sr. Comandante Henrique Tenreiro, Presidente da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, secretariado pelos srs. Comodoro Duarte Silva, Escoteiro-Chefe Geral, Enrique Genovés, nosso prezado colaborador e Chefe da Delegação espanhola de Antigos Escoteiros, Augusto Romão Guimarães, Director do Ateneu Comercial de Lisboa e Eduardo Ribeiro, Director do nosso jornal.

Entre a assistência, viam-se membros da Direcção da A. E. P., os componentes da Delegação espanhola, muitos dirigentes escotistas e escoteiros, antigos escoteiros, senhoras, jornalistas e outras individualidades.

Depois do sr. Presidente ter dado início à sessão, tomou a palavra, em primeiro lugar, o Director do nosso jornal, que disse querer que as suas primeiras palavras fôssem para expressar o seu muito reconhecimento, bem como de todos os membros da sua «patrulha», pela honra concedida pelo sr. Comandante Henrique Tenreiro, ilustre Presidente dos Escoteiros de Portugal, dignando-se presidir àquela sessão. E afirmou que a presença do sr. Presidente, bem como do nosso Escoteiro-Chefe Geral sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, constituía uma das mais gratas recordações do aniversário que estavam comemorando.

«Mereceu a pena trabalhar afincadamente durante 10 anos»

E continuando disse: «Este aniversário está sendo para nós motivo de grande alegria. É que estão coincidindo circunstâncias que nos levam a afirmar que mereceu realmente a pena trabalhar afincadamente durante 10 anos para ter ensejo de viver este momento. Parece que a minha «patrulha» acaba de fazer uma longa escalada, vencendo obstáculos, saltando precipícios, galgando ladeiras, firmando os pés na encosta abrupta da montanha, arredando espinhos e pedregulhos e, agora, tendo atingido o alto, o cume, alarga a vista em seu redor e depara-se-lhe a mais bela paisagem, adornada pela presença de tantos amigos».

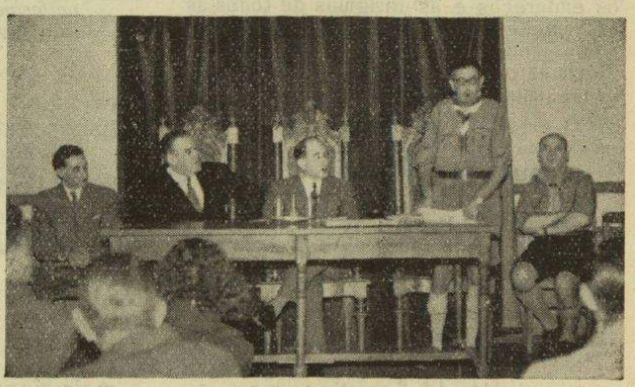
Prestou depois homenagem à delegação dos escoteiros espanhóis que vieram a Lisboa para tomar parte nas celebrações do nosso aniversário, «verdadeira embaixada, da qual fazem parte elementos de grande valor, escoteiros de prestígio e verdadeira fé, que no campo da legalidade não deixam de lutar com perseverança pela reorganização do Escotismo no País irmão. A sua tenacidade é um exemplo que não podemos deixar de assinalar para nosso próprio estímulo».

Fez depois a apresentação de D. Enrique Genovés e de sua Esposa, D. Loreto Azpeitia de Genovés, de D. José Forasté e de sua Esposa, D. Núria Forasté, de D. Roberto Moro e ainda de D. José Luís Azpeitia, sogro do nosso delegado em Espanha e um dos primeiros exploradores da Nação vizinha.

Referiu-se ao grande número de Grupos de escoteiros representados, ao Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», e manifestou o seu muito agradecimento à Imprensa diária e à Emissora Nacional, pelo acolhimento simpático dispensado às comemorações do aniversário.



Belo Redondo proferindo a sua conferência



Enrique Genovés proferindo a sua conferência

Agradeceu aos Antigos Escoteiros o apoio dispensado ao «Sempre Pronto» e apresentou o conferente, o jornalista sr. Ernesto Belo Redondo, cuja vida de trabalho elogiou, afirmando que o lugar prestigioso que ocupa no jornalismo português foi conquistado com esforço e merecimento próprio, que o coloca em posição de ser apontado como exemplo aos novos escoteiros.

Focando especialmente o aniversário

O «Sempre Pronto» foi galardoado pelo Sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal com a medalha «Lis de agradecimento»

disse que pouco poderia dizer que todos não soubessem já ou não fôssem capazes de imaginar: «Trabalhos, canseiras, dificuldades, incompreensões e más vontades, mas por outro lado — e isso é que contava e tinha realmente valor — muita simpatia, amizade, boas dedicações e apoio entusiasta, que servia de estímulo e ajudava a vencer». Citou depois o espírito de dedicada cooperação prestada por todos os membros do jornal que, desinteressadamente, escrevem, endereçam os exemplares do jornal, passam recibos, carregam com os maços para o correio, mandam notícias de todos os cantos do País, das Ilhas, do Ultramar e até do estrangeiro. Cobram recibos e vendem os jornais sem muitas vezes receberem o dinheiro das próprias despesas que fazem. «É este o segredo do êxito do «Sempre Pronto» e eu próprio, — disse —, como guia desta grande equipa de Caminheiros, tenho muitas vezes de avançar empurrado por este entusiasmo».

«Este é um exemplo de trabalho para outras equipas de Caminheiros. Quando conseguirmos que do Norte ao Sul do País se reúnam equipas com um interesse comum, impulsionadas por um Ideal que a todos agregue, o Caminheirismo terá feito a sua hora de triunfo em Portugal».

Depois de terminar o seu discurso, o Director do «Sempre Pronto» fez a entrega ao representante da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa, de uma encadernação de números publicados do «Sempre Pronto», como sinal de gratidão pelas gentilezas com que esta prestimosa Associação tem cumulado o nosso jornal.

«O nosso amigo jornal» — conferência de Belo Redondo

Foi a vez do distinto jornalista, sr. Belo Redondo, proferir a sua interessante palestra «O nosso amigo jornal», evocando, em primeiro lugar, o nome saudoso do Dr. Jaime Leitão, que acabava de ser sepultado, jornalista dos mais eminentes, que sempre servira a sua Pátria com amor através da alavanca poderosa que é a Imprensa. Depois de se referir à simpatia que o sr. Comandante Tenreiro demonstrava em estar ali presente, teve palavras de muito apreço para com os nossos amigos da Nação vizinha e irmã que vieram até nós prestar-nos o seu valioso concurso, narrando, a propósito, certos episódios das suas primícias, como jornalista em Espanha.

Entrando pròpriamente no assunto da sua palestra, o sr. Belo Redondo começou por fazer o elogio da amizade, no que ela pode significar na perfeição das relações humanas, e afirmou que o Homem de hoje pode encontrar no jornal um valioso amigo que, a troco de bem pouco, lhe oferece a universalidade da Vida, nos múltiplos aspectos da cultura, da arte, da divulgação científica do acontecimento emocional e vivo, do jogo de opiniões, da defesa dos interesses públicos.

Disse que o jornal nem sempre agradava, mas as incompatibilidades que às vezes se verificam provêm, na sua maior parte, dos paladares que o apreciam do que dele próprio. Descreveu um lapso cheio de chiste, registado durante a confecção de um grande jornal, que ilustra, com propriedade, as pequenas vicissitudes a que estão sujeitos os trabalhadores dos jornais e o senso de *humor* inerente à profissão.

«Há boa e má Imprensa — continuou — conforme as opiniões dos que lêem. Mas a cada um cumpre, tal como se seleccionam as amizades, escolher o órgão que mais lhe agrade. Mudarão decerto os gostos, mas a instituição ficará».

Aqui e ali, o sr. Belo Redondo ia intercalando, na brilhante exposição, casos curiosos da sua vida de jornalista, que a assistência escutava com muita atenção. No final, teve palavras de muito apreço para com o «Sempre Pronto», considerando-o uma obra de ternura e de dedicação de um punhado de verdadeiros escoteiros e rematou convidando os amigos do Escotismo a esforçarem-se por tornarem o «Sempre Pronto», «o grande jornal que ele deve ser».

A assistência, que escutara com grande interesse, as palavras de Belo Redondo, rendeu-lhe vibrantes aplausos pelo brilho da sua palestra.

A conferência de Enrique Genovés

Foi dada a palavra ao nosso colaborador sr. Enrique Genovés, que leu uma bem elaborada dissertação, subordinada ao título «Esquema Educativo do Escotismo», que será publicada no nosso próximo número. Este trabalho foi seguido com viva atenção pela assistência e, particularmente, por todos os dirigentes escotistas. Constitui, indubitàvelmente, uma bem documentada e esclarecida exposição do método escotista e dos resultados da sua aplicação. No fim, também recebeu fartos aplausos da assistência.

O «Sempre Pronto» é galardoado com a «Lis de Agradecimento»

Por último, tomou a palavra o Presidente da Mesa, o sr. Comandante Henrique Tenreiro, que, em breves palavras, se congratulou com o êxito do acto efectuado e felicitou os oradores da noite, afirmando que o trabalho de Enrique Genovés era uma verdadeira lição de escotismo. Por fim, comunicou que a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, satisfeita com o trabalho desenvolvido pelo nosso modesto jornal, resolvera conceder-lhe a medalha «Lis de Agradecimento», dando, a seguir, a sessão por terminada.

Estas palavras do sr. Presidente da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, foram coroadas por uma grande e emotiva manifestação de regozijo por parte de todos os presentes, que lhe tributaram calorosa ovação.

Acompanhados de todos os dirigentes, os srs. Comandante Henrique Tenreiro e Comodoro Duarte Silva, abandonaram a sala, onde reinava o mais vivo entusiasmo.

A assistência visitou, a seguir, a exposição da Imprensa Escotista Mundial, que se encontrava patente numa outra sala do Ateneu Comercial de Lisboa.



O sr. Comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, discursando, vendo-se à sua direita os srs. Comodoro Daniel Duarte Silva, Escoteiro-Chefe Geral; Augusto Guimarães, director do Ateneu Comercial de Lisboa; e à esquerda os srs. Enrique Genovés e director do «Sempre Pronto».



A deputação espanhola foi recebida pela Secção de Campismo do Ateneu. Vêem-se da esquerda para a direita os srs. Capitolino Ferreira Macedo, José Forasté, Roberto Moro, Enrique Genovés, Eduardo Ribeiro, e os membros daquela Secção srs. Ribeiro da Fonseca, César Augusto Ferreira, presidente, e Contreiras de Almeida.

David M. de Barros

Este nosso bom amigo, representante do «Sempre Pronto» no Brasil, que tem estado doente e internado no hospital de Beneficência Portuguesa, encontra-se muito melhor no seu estado geral, mas continua em tratamento.

Fazemos votos muito sinceros pelo seu restabelecimento rápido e completo.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

A Banda deste Grupo, como é tradicional, na madrugada do dia 1 de Dezembro percorreu as ruas da Vila entoando o Hino da Restauração, tendo saudado o Presidente da Câmara, sr. José Duarte Coelho, que é também o Presidente do Grupo 84, que apareceu a uma das suas janelas a corresponder aos cumprimentos dos escoteiros. — C.

JOGOS DIURNOS

"O TESOURO DO DEUS VERMELHO"

Tema

Os escoteiros do Grupo N.º 6, sabedores de que existia um tesouro muito antigo pertencente à seita selvagem do «Deus Vermelho», já extinta, resolveram empreender uma expedição para o procurar. Por uns mapas muito antigos que tinham em seu poder (carta do Estado Maior dos arredores de Olhão) sabiam que esse tesouro se encontrava no centro da floresta virgem que confina com os territórios do chefe indígena Fuh Sinho Di Kan que imperava sobre uma tribo de negros aguerridos e ferozes. E lá partiram à aventura em busca do tesouro.

Organização

À saída da Sede, o Chefe do Grupo entrega a carta do Estado Maior ao guia da patrulha «Galo», indicando-lhe o caminho que deve percorrer. Assim, vai entregando a mesma carta aos guias das outras patrulhas, os quais, durante 30 minutos cada, seguirão um pouco avançados guiando o resto do Grupo.

Durante o percurso, o Chefe mandará suspender a marcha sempre que achar conveniente, descrevendo os incidentes abaixo mencionados, que ocorrem à expedição e devem ser remediados ou resolvidos.

Incidentes

1.º

Uma tempestade aproxima-se vinda de sudoeste. Montar abrigos com os panos de tenda que a expedição transporta.

(Prova de orientação e desembaraço campista. A melhor orientação do abrigo para resistir à tempestade. O menor tempo na montagem. A maior solidez e perfeição).

2.º

O acampamento vai ser desmontado, porque a tempestade passou. Faz muito frio e alguma roupa está molhada. É preciso secá-la antes de partir. A partida deve ter lugar dentro de pouco tempo. Os fósforos estão molhados. Mas o binóculo tem lentes e mostra-se, por minutos, um raio de sol.

(Habilidade para acender fogueiras e utilizá-las o melhor possível. Acender uma fogueira e nela secar um lenço de assoar que tenha estado em água durante um minuto. Rapidez na secagem do lenço que não deve apresentar nódoas depois de seco).

3.º

A expedição está pronta a partir e deve dirigir-se para NNE. Mas uma tempestade magnética avariou as bússolas. O que fazer?

(Orientação pelo sol. Cada patrulha delega num escoteiro o encargo de indicar ao ouvido do Chefe um ponto de referência no horizonte que fique na direcção desejada).

4.º

Oh! Que horror! A expedição acaba de encontrar um buraco no chão donde se escapam gases tóxicos. Um escoteiro, imprudentemente, aproxima-se demasiado e cai asfixiado. É preciso salvá-lo!

(Cuidados a usar para retirar o asfixiado de junto do buraco. Respiração artificial. Uma patrulha de cada vez, fora da vista das outras).

5.º

Azar! Um escoteiro caiu e partiu uma perna. É preciso prestar-lhe os devidos socorros e transportá-lo.

(Socorros adequados. Confecção duma maca com varas e espias, no menor tempo possível e com a maior perfeição).

6.º

A fome aperta e os víveres foram avariados pela chuva. É preciso caçar.

(Cada patrulha confecciona, como puder, um arco e uma flexa e com elas vai procurar uns papéis de 15x15 cm. prèviamente espalhados pelos arredores. Logo que encontra um desses papéis, procura acertar-lhe com a flexa, à distância de 8 passos. Só depois o poderá apanhar. Ganha a patrulha que, ao fim de meia hora, tenha atingido maior número de papéis).

7.º

Agora, é preciso cozinhar a caça.

(Cada patrulha acende uma fogueira, com o máximo de 2 fósforos, e nela ferve 1/4 de litro de água. Conta a melhor fogueira e o menor tempo em ferver a água).

8.º

O azar continua. Um escoteiro foi atacado de insolação.

(Tratamento adequado, por cada patrulha fora da vista das outras).

9.º

Os exploradores enganam-se no caminho e são feitos prisioneiros nos territórios do Chefe Fuh Sinho Di Kan. Este encontra-se muito doente e um dos seus feiticeiros afirmou-lhe que ele se curaria se ingerisse o mais ràpidamente possível 3 gafanhotos. Levados os escoteiros à presença de Fuh Sinho Di Kan, este comunicou-lhes que só os deixaria em liberdade se lhe trouxessem ràpidamente aqueles insectos.

(Cada patrulha parte em busca dos gafanhotos. Conta o menor tempo gasto em encontrá-los e trazê-los ao chefe indígena).

10.º

O chefe Fuh Sinho Di Kan, agradecido, não só deixa partir os exploradores como lhes oferece, em paga, por o terem curado, um cancioneiro que, segundo uma tradição, revela o local do tesouro do «Deus Vermelho». Mas é preciso saber interpretar bem a linguagem do cancioneiro, o que ainda ninguém conseguiu.

(Prova de inteligência e de conhecimentos sobre orientação).

É entregue a cada patrulha um caderno contendo, em cada página, um dos seguintes duetos:

1.º
Quando o passarinho canta,
Eis o Sol que se levanta.

2.º
Mas ele cantando está
Lá no «grande baobab».

3.º
Passa o pretinho apressado,
Por entre mato e silvado.

4.º
Ele olha o Sol criador,
Duas horas, sem temor.

5.º
Mas pára, ao vê-lo ofuscado
P'lo «Grande Pico Sagrado».

6.º
Voa, voa passarinho,
Vê se alcanças o pretinho.

7.º
Não vá, o pobre, cair
No «Precipício de Ofir».

8.º
Voa, voa passarinho,
Leva contigo o pretinho.

9.º
Olha que rugem leões
Lá p'ròs lados dos suões.

10.º
Tens que vencê-los, pretinho,
Se quer's seguir o caminho.

11.º
Uivam chacais e panteras,
Da selva todas as feras...

12.º
Pretinho, não tenhas medo!
Não vês aquele penedo?

13.º
Vai p'ra ele, sem parar,
Enquanto a Lua brilhar.

14.º
À hora do meio-dia,
Então a Lua nascia.

15.º
E quando ela se extinguia
O penedo se movia.

16.º
Mostrava, num caixão velho,
As jóias do «Deus Vermelho».

17.º
Quatro quartas faltaria,
Para vir, de novo, o dia.

18.º
E o penedo, de vagar,
Retomava o seu lugar.

(Cada patrulha desenhará um mapa indicando o provável caminho a seguir, segundo a interpretação do cancioneiro, mostrando os pontos de referência, e elaborará um relatório da provável viagem a empreender para alcançar o tesouro, indicando os tempos gastos nos percursos, quarto da Lua no momento em que o penedo se movimenta, hora a que este fenómeno se verifica e tempo em que está a descoberto o tesouro).

Material necessário

A cada patrulha:

— Panos de tenda
8 estacas de ferro
1 marmita (para ferver a água)
Papel para levantamentos
Lápis, borracha e régua pequena
Bússola
(Varas e espias dos escoteiros)

Aos organizadores:

Carta do Estado Maior
Relógio que marque segundos
Lentes
Bacia de lona, para molhar os lenços
Fio para os arcos das flexas
Papéis nas medidas de 15×15 cm.
Fósforos
Cancioneiros

CONFIDENCIAL

Interpretação do cancioneiro

O Sol levanta-se de Este. O pretinho (que é como quem diz — os escoteiros), partindo do «Grande Baobab», caminhará duas horas direito ao Sol, isto é, direito àquele ponto cardeal, e pára quando o Sol é encoberto pelo «Grande Pico Sagrado», indo até à beira do «Precipício de Ofir».

(Conclui na 12.ª página)

EXPOSIÇÃO
da Imprensa Escoteira Mundial

Umas das iniciativas do nosso jornal destinada a comemorar o seu 10.º Aniversário, era esta Exposição, que se realizou num dos ginásios do Ateneu Comercial de Lisboa. A organização deste empreendimento exigia um trabalho aturado a que, por falta de tempo, os membros deste jornal se não podiam dedicar. Contudo, a Exposição, embora não tivesse aquele brilho que lhe desejaríamos imprimir, constituiu uma prova da expansão da Imprensa escoteira no Mundo, tendo merecido palavras de apreço dos muitos visitantes.

Portugal estava bem representado. Ali se viam espécimes de todos (ou quase todos) os jornais e revistas publicados no nosso País, nos quarenta anos de Movimento, inclusivamente alguns pequenos boletins copiografados. Viam-se exemplares de diversas edições de «O Escoteiro», «Escotismo», «A Patrulha», «Sempre Pronto», do Grupo n.º 1, «O Aduar», dos Adueiros, «O Scout», e a «Flor de Lis» do C.N.E. etc..

O Brasil tinha também uma boa representação: Além da actual revista «Alerta!», viam-se também exemplares da sua antiga edição e de muitas outras antigas e modernas publicações, inclusivamente o antigo e simpático jornalzinho «O Escoteiro da Glória», de que era Director o saudoso escritor escoteiro Benevenuto Cilini. A Espanha marcava a sua presença com um bom número de exemplares de antigas revistas e jornais, bem como de outros boletins que assinalam a tenacidade dos nossos irmãos-escoteiros da Nação vizinha.

A representação da França era numerosa. Todas as suas associações participaram e o número e qualidade das revistas que publicam é verdadeiramente notável. O mesmo se deve dizer da Bélgica. Estavam representadas a Alemanha, Áustria, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Holanda, Inglaterra e Gibraltar, Islândia, Luxemburgo, Noruega, Suécia, Suíça, Canadá, Estados Unidos, México, S. Salvador, Cuba, Costa Rica, Argentina, Chile, Nicarágua, Uruguai, Venezuela, Colômbia, Peru, Guatemala, Filipinas, China (antiga), Punjab e Austrália. Viam-se também exemplares antigos e modernos da revista mundial «Jamboree», do «Boletin Scout de las Americas» e da revista do guidismo mundial «The Council Fire». Jornais dos grandes acampamentos mundiais, «Jamboree» da França, da Holanda, Indaba de Inglaterra, acampamentos internacionais de Patrulhas de Londres e São Paulo.

Todos os exemplares expostos atingiam o número elevado de cerca de 700, sendo perto de 200 diferentes.

Para a organização desta Exposição muito contribuiu o dedicado sócio do Ateneu, sr. João Alves Pereira Mateus. Além dos membros do nosso jornal, colaboraram dedicadamente na montagem da Exposição, os Caminheiros do Grupo 10, srs. José Relvas e João Pereira Raimundo, e do Grupo 94, srs. Luís Inácio, Carlos Cavaco Baptista, Chefe Júlio Maria Reis e escoteiro José Eduardo Pena Ribeiro.

A recepção às visitas foi feita pelos escoteiros José Albino e Francisco Esteves. Caminheiros Luís Garcia Inácio e Carlos Cavaco Baptista, sob a direcção do Chefe Albano Duarte Costa.

É justo destacar a forma amável e de boa cooperação que todo o pessoal do Ateneu dispensou aos trabalhos das nossas celebrações, especialmente o Chefe do pessoal menor, sr. Carvalhal.

★ ● ★

FALTA DE ESPAÇO

Apesar do presente número ser de 16 páginas, escasseou o espaço para inserir toda a reportagem do X Aniversário do «Sempre Pronto» e muito outro original dos nossos colaboradores.

O noticiário da visita dos nossos camaradas de Espanha, será por isso publicado no próximo número.

As comemorações do 10.º aniversário do «Sempre Pronto»

O almoço de confraternização

Constituiu uma celebração muito íntima e simpática o almoço de confraternização servido no Ateneu Comercial de Lisboa, no dia 2 de Janeiro passado. Presidiu o nosso visitante sr. Enrique Genovés, ladeado pelo Escoteiro-Chefe Geral adjunto, sr. Albano da Silva e pelo Director do Ateneu, sr. Martinho de Almeida.

Foram os seguintes amigos que se sentaram à nossa mesa: Srs. Enrique Genovés e Esposa e seu filho Juan Francisco, Albano da Silva e Esposa, Albano Duarte Costa, António Manuel Ribeiro e Esposa, António Rodrigues, Dionísio dos Santos e Esposa, Eduardo Alberto Alves da Silva, Eduardo Quintino Pinheiro, Francisco da Conceição Almeida, João Alves Pereira Mateus, João Pedro de Figueiredo, José Eduardo Pena Ribeiro, José Luís de Azpeitia, Manuel Alvim Leal, Rui Cunha e Esposa, Armando Lino e Esposa, Capitolino Ferreira de Macedo e Esposa, Ernesto Clímaco do Nascimento, Faustino Leitão, Francisco José Azedo Carreiras, Joel Ribeiro, Manuel Tacão Monteiro e Eduardo Ribeiro e Esposa. Durante o almoço chegaram os nossos visitantes espanhóis srs. José Forasté e Esposa, e Roberto Moro, que foram especialmente saudados. Também nos visitou o nosso amigo sr. Wolfgang Karl, que por motivo de doença não tomou parte na refeição. Durante o repasto foram recebidos telegramas de saudação do Presidente do Grupo 2 e do Antigo Escoteiro, sr. Almerindo Gonçalves Fernandes.

Aos brindes falou o sr. Enrique Genovés, que saudou o «Sempre Pronto», o único discurso da refeição. Agradeceu o Director do «Sempre Pronto», tendo sido trocados mais alguns brindes, todos congratulando-se pela longa vida do jornal e fazendo votos pela sua continuidade.

A presença das senhoras foi uma nota muito simpática e uma ocasião para lhes prestar homenagem pela sua amizade pelo Escotismo e pelo «Sempre Pronto».

Depois do almoço foi inaugurada a Exposição da Imprensa Escoteira Mundial, que foi muito apreciada. Estava projectada uma pequena excursão pela cidade, dedicada aos nossos visitantes espanhóis, que a chuva prejudicou.

• • o • •

IMPRENSA

«O Semeador Baptista»

Com um número especial triplo, este quinzenário, que nos honra com a sua visita e se publica em Leiria, comemorou em Novembro passado, o seu 21.º aniversário.

«Sempre Pronto» saúda fraternalmente o seu colega de imprensa e felicita o seu digno Director e nosso estimado amigo sr. dr. António Maurício, formulando votos de contínuos êxitos ao «Semeador Baptista».

«Ecos de Belém»

Comemorou o seu 23.º aniversário este nosso prezado colega que semanalmente se publica em Belém, bairro vizinho da nossa Redacção. Desejamos-lhe os maiores progressos e longa vida.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Nascimentos — Corrigindo a notícia dada em Novembro, devemos dizer que foi um menino, um futuro escoteiro para o 93, que veio alegrar o lar do nosso dedicado correspondente em Sintra, sr. Miguel Raposo Bicho. Ao nosso camarada e a sua Esposa, renovamos as nossas felicitações.

Inverno... Neve... Frio...

Todo o mundo se curvava aos pés do pequenino bebé: pastores humildes, os rostos enregelados pela longa caminhada, mulheres rudes da serra, mães que talvez se lembrassem de um filho que andava longe, muito longe, até a própria serra mergulhada na sombra e no mistério da noite...

Jesus nascera! No ponto mais ignorado da serra, resplandecia o mais belo acampamento que fora dado a olhos humanos contemplar. No loiro feno estava um lírio branco e puro que havia de ser o símbolo de uma Noite e de um amor, nu e pobre e, contudo, senhor do mundo inteiro...

Natal! Sonho e realidade, realidade e sonho. Bom seria que todos vós compreendêsseis o significado dessa palavra tão doce e tão singela, ajudando a minorar tanta miséria e dor, a fazer esquecer tanta fome, tanto pântano. Que o teu lenço de escoteiro esteja pronto a receber e enxugar tantas lágrimas que se choram nesta noite, enquanto nalgumas casas só se ouvem risos infantis... E que, quando nascer de novo o Menino Jesus, que os homens sintam que ainda vale a pena ter fé... alegria... e um sonho de Natal...

JORGE ADOLFO CIERCO

• • o • •

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Tem sido muito intensa a actividade deste Grupo, impedindo-nos a falta de espaço de noticiar todas as suas iniciativas, tendo efectuado uma excursão à Serra da Costaneira e tomado parte na inauguração da Alcateia n.º 5 do C. N. E., no Aeródromo das Lajes.

Este Grupo também se fez representar pelo seu Chefe, sr. Moniz Silva, na sessão solene comemorativa do 1.º Centenário de Almeida Garrett, que se realizou no salão nobre dos Paços do Concelho, no dia 1 de Dezembro, promovido pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Visita de estudo ao Aeródromo das Lajes

Pelas 11 horas do dia 1.º de Dezembro, os escoteiros deste Grupo, iniciaram uma demorada visita ao Aeródromo das Lajes, onde foram recebidos pelo sr. capitão Lee Moore, dos serviços informativos americanos e pelo sargento E. S. Browne, Chefe do Grupo de escoteiros americano, assim como por outros dois membros do respectivo Grupo. Os escoteiros foram ainda acompanhados pelo sr. Luís Maria Pereira e Silva, Chefe do Escritório do pessoal civil português da A.A.T.S., cuja intervenção foi bastante útil.

Os visitantes tiveram ensejo de percorrer todas as instalações, tendo-lhes sido explicado o funcionamento de todas as secções e de toda a maquinaria, estação emissora, serviços de salvamento e ainda o posto de Televisão, onde foram mesmo «televisados» e tiveram oportunidade de se verem depois na tela.

Aos escoteiros foi ainda servido um bom almoço no refeitório e à tarde as típicas «cola-colas». A visita terminou às 17 1/2 h. e constituiu uma óptima lição para todos os rapazes.



Os anunciantes do «SEMPRE PRONTO» são bons amigos que têm o maior apreço pelo Escotismo e os seus anúncios são, sobretudo, uma manifestação de simpatia pelo Escotismo.

Devemos corresponder à sua simpatia dando-lhes a nossa preferência.

CUMPRIMENTOS AO «SEMPRE PRONTO»

Além das felicitações verbais de muitos amigos do «Sempre Pronto», enviaram-nos mensagens de saudações os seguintes:

De Lisboa: Srs. Antero Nobre, Almerindo Gonçalves Fernandes, António F. M. Xavier de Brito, Eugénio Ribeiro Nunes, Dr. Fausto Salazar Leite, Dr. Francisco Cortez Pinto, Rev. J. Rosa Baptista, Eng.º José Maria Nobre Santos, Luís Simões Aurélio e Presidente do Grupo n.º 2.

Prof. António Álvaro Dória, de Braga; José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António; António Vítor Guerra, Director da Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz.

De Espanha: Srs. Carlos Martinez Cárdava, Juan Diaz-Zorita, capitão Victor José Maudes Molina, Roberto Moro Mansilla, Sociedade Deportiva Excursionista e José Forasté, de Madrid; Antigos Escoteiros de Murcia; Rafael H. Viñes y Martarell, de Alicante; Rafael Palacios, de Valência; Clan del Kanguro, de Cadiz; Victor Peres Rios, de Vigo; Joaquin Peñarroya Navarro, de Melila.

Les Eclaireurs de France, Deutsche Pfadfinderschaft Sankt Georg, de Dusseldorf; Swedish Scout Council, De Nederlandse Padvinders, Israel Scout Association.

A todos expressamos o nosso maior agradecimento pelas palavras amigas e de estímulo que nos enviaram.

• • o • •

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas os nossos estimados amigos, Srs.: Almerindo Gonçalves Fernandes, Antero O. Pacheco Nobre, Wolfgang Karl, António Francisco M. Xavier de Brito, Júlia Maria de O. e Silva Estêvão da Silva e Justino Estêvão da Silva, Armando Champlon, tenente-coronel Joaquim de Sousa Duarte Borrego e Mário Correia, de Lisboa; Francisco do Nascimento Pina, de Olhão; Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; José Ferreira Fernandes, de Aves, Negrelos; H. T. Gomes de Freitas, do Aeroporto de Santa Maria; Prof. António Álvaro Dória, de Braga; José Cordeiro Teixeira, de Coimbra; Asdrúbal Augusto de Magalhães, do Grupo 33, de Leiria e Vidal Vieira dos Santos, do Porto.

Capitão Victor José Maudes Molina e José Forasté, de Madrid; Scouts de San Sebastian, Victor Perez Rios, de Vigo; Juan B. Molins Agustin, Grupo Scout de Valencia; San Vicente Ferrer e Esteban Martinez Perez, de Valência.

Junta Central do Corpo Nacional de Escutas, Victor de Lima e Santos, Comissário Internacional do C. N. E., Juntas Regional de Setúbal e Braga e Grupos n.os 60, 90, e Alcateia 53 do Corpo Nacional de Escutas.

Grupos de Escoteiros de Portugal, n.os 1, 5, 6, 9, 15, 33, 52, 53, 84, 91 e 93 e Patrulha Galo do Grupo n.º 6.

Sr. H. Würsten e Clube Alpino Escoteiro da Suíça; Comissário Internacional dos Escoteiros da Dinamarca, Escoteiros das Filipinas e Eng.º Salvador Fernández Bertran, do Conselho Internacional de Escotismo; David M. de Barros, do Rio de Janeiro, Brasil.

Agradecemos e retribuímos com simpatia.

"O Tesouro do Deus Vermelho"

(Conclusão da 10.ª página)

Então, vira para o Sul, em direcção à floresta onde rugem leões que ele terá que vencer. Ao ver um penedo, na sua frente, dirige-se para ele, já de noite, à luz da Lua, e deve chegar junto ao mesmo penedo antes de que ela se ponha. Como a Lua nascia então ao meio-dia, punha-se à meia-noite e estava no quarto crescente. Era, portanto, à meia-noite, que o penedo se deslocava, mostrando o tesouro. Como quatro quartas da rosa dos ventos equivalem a um quarto da mesma rosa, e como o Sol, para descrever um círculo completo (aliás a Terra), leva 24 horas, para descrever um oitavo leva 3 horas. Portanto, o penedo volta ao seu lugar 3 horas antes de nascer o Sol, ou seja às 3 horas da madrugada (partindo do princípio que o Sol nasceria às 6 horas). Como o preto chega às 8 horas ao «Precipício de Ofir» e chega às 24 ao penedo, ele fez uma marcha de 16 horas a caminho do Sul.

NOTA—Alguns dos primeiros incidentes ocorridos à expedição, foram sugeridos pelo Manual de Jogos, de J. Loiseau.

O «Sempre Pronto», ao comemorar o seu 10.º aniversário, agradece a todos os assinantes, colaboradores e anunciantes, o carinho que lhe têm dispensado.

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO



Os Escoteiros de Lisboa desfilam no Rossio

O LIVRO DE PATRULHA

Por ANTERO NOBRE

§ 1.º

O que é e para que serve o Livro de Patrulha

O *Livro de Patrulha* é, por assim dizer, a caderneta do Guia de Patrulha, onde ele regista tudo o que se refere aos seus escoteiros, e é, ao mesmo tempo, como que a *história da patrulha*, quer dizer: o registo de toda a sua actividade, desde que ela se fundou. Nele haverá, por isso, uma ou mais folhas dedicadas a cada escoteiro e lugar para escrever as actas ou sumários das reuniões efectuadas pela Patrulha, sejam elas de instrução ou de simples recreio. Numa outra parte do *Livro*, fazem-se as contas das receitas e despesas, quando por ventura a Patrulha tenha receitas próprias, e em outra ainda se inscreverá o inventário de todo o material que aquela possui ou está à sua responsabilidade. Nele haverá páginas para registar a classificação da Patrulha nos concursos permanentes ou eventuais que se efectuem no Grupo ou quaisquer outros em que aquela comparticipe e haverá lugar para se arquivarem os relatórios de todos os passeios, excursões e acampamentos que efectue ou em que tome parte. Nesse *Livro*, finalmente, destinar-se-á espaço para alegorias, escritas e desenhadas, à Pátria, ao Escotismo, à Associação, à Juventude Portuguesa e seus Patronos, etc..

O Guia é o detentor do *Livro de Patrulha* e é ele também que, em regra, o escritura. Mas a sua confecção, sobretudo a sua ilustração, pode e deve ser obra de todos os escoteiros, aproveitando-se as aptidões especiais de cada qual: um, que tem habilidade para o desenho de ornato, fará as alegorias, cercaduras das páginas, desenhos para separar os vários assuntos dentro da mesma página, etc.; outro, que é encadernador, amador ou profissional, fará a encadernação do *Livro;* um terceiro, que é bom calígrafo, será o encarregado de passar para o *Livro* os relatórios, contas e mais dizeres, excepto, evidentemente, as informações sobre os componentes da Patrulha, que possam e devam ser consideradas confidenciais, e que serão sempre e exclusivamente escrituradas pelo Guia; um quarto, que é, por exemplo, hábil caricaturista, desenhará uma caricatura de cada escoteiro, para colocar na respectiva página, ao lado do retrato, etc., etc.. No *Livro* há trabalho para todos, porque o aspecto, a disposição, a ornamentação, a capa do *Livro de Patrulha* variam indefinidamente com o espírito de iniciativa, com o espírito de organização e com o espírito artístico dos componentes da Patrulha e do seu Guia.

Com um *Livro* assim organizado e mantido em dia, o Guia de Patrulha não só tem sempre na mão a história da sua unidade, para demonstrar como ela trabalha e progride, como se tem distinguido e brilhado no Grupo, e ao mesmo tempo uma amostra eloquente da iniciativa, dedicação, trabalho, aproveitamento e gosto dos seus rapazes, mas possui também um poderoso elemento para mais fàcilmente desempenhar a sua missão de pequeno chefe responsável. Tendo registado no *Livro* toda a vida dos seus escoteiros, não apenas a vida que fazem no Grupo, mas ainda a sua vida fora do Movimento Escotista, sabe sempre onde encontrá-los, conhece as suas ocupações e preocupações, as suas habilidades e possibilidades, as suas fraquezas e defeitos, que é preciso corrigir, e as suas qualidades e faculdades, que é preciso aproveitar e estimular, — e sabe, em qualquer altura, dar informações precisas, claras e completas, sobre os seus escoteiros, quando lhe sejam pedidas pelo escoteiro-chefe do Grupo a que pertence.

Este último, por sua vez, se tiver o cuidado de periòdicamente examinar os *Livros* das suas Patrulhas com atenção e interesse — e nunca deixará de o fazer, fixando até, para o efeito, datas ou períodos certos, como a primeira ou a segunda reunião de cada mês ou de cada trimestre —, encontrará nesse exame um meio óptimo e fácil de controlar convenientemente a vida daquelas pequenas unidades, que são afinal as unidades-base do Escotismo, e de verificar os seus progressos ou as suas falhas, o seu bom espírito ou a ausência deste, visto que, repetimos, o *Livro de Patrulha* é sempre o espelho fiel do espírito, do trabalho, do gosto, da dedicação, amor e carinho, pela obra dos escoteiros da Patrulha.

E se o escoteiro-chefe for, mesmo, um pouco mais além e organizar no seu Grupo um *Concurso Permanente de Livros de Patrulha*, aliás limitando-se com isso a seguir a ideia-base de Rolland-Philipps na sua preciosa obra de todos conhecida, estabelecendo classificações periódicas de todos os *Livros* e afixando os respectivos resultados para conhecimento geral, por forma a saber-se qual é, em qualquer momento, o primeiro ou o melhor *Livro* do Grupo ou, pelo menos, qual deles não será o último ou o pior; e se utilizar sempre, para os outros concursos permanentes do Grupo — de assiduidade à instrução, de Boas Acções individuais ou colectivas, de provas de classe, etc. —, apenas as indicações registadas nos *Livros*, desclassificando as Patrulhas ou os elementos seus representantes, quando aqueles não estejam em dia ou em ordem; e se, ainda e apenas como mais um exemplo dos muitos procedimentos pedagógicos que podem ter como pretexto o *Livro de Patrulha*, determinar que sejam os componentes da Patrulha detentora do melhor *Livro* aqueles a quem exclusivamente serão concedidas determinadas honras ou privilégios, como transportar a Bandeira do Grupo nos desfiles, servir de escoteiro-às-ordens de um dirigente superior que visite a sede, içar a Bandeira Nacional nos acampamentos, servir de *guarda-do-fogo* nos *Fogos do Conselho*, etc., etc.; se assim fizer, terá, sem dúvida, encontrado um meio, excelente como poucos, de exercer a sua missão educativa e de facilitar a sua tarefa.

Além disso, o *Livro de Patrulha*, obrigando ao trabalho aturado dos escoteiros, individual e colectivamente, numa obra única, pela qual fundamentalmente se avaliará o desenvolvimento e progresso da sua pequena unidade e, portanto, da qual dependerá principalmente o prestígio de todos e de cada um, — constitui um dos maiores e mais poderosos estimuladores do *espírito de patrulha*; e este facto é suficiente, cremos bem, para que o *Livro* mereça toda a atenção, interesse e carinho dos escoteiros-chefes, visto que, sem *espírito de patrulha* não haverá *espírito de corpo* e sem este será falho o amor ao Grupo, à Associação, ao Escotismo.

Mas a organização do *Livro de Patrulha* pode ter ainda um grande interesse e muita utilidade mesmo sob os aspectos da própria preparação dos rapazes para a vida prática e até do despertar de vocações profissionais e artísticas, — o que não é também de somenos importância no quadro das preocupações e objectivos do Movimento Escotista. Porque, com efeito: a indispensabilidade de dar ordem, asseio e bom aspecto ao *Livro*, obrigará os rapazes a contraírem o hábito de serem ordenados e limpos em todos os seus trabalhos; a preocupação de possuírem um *Livro* mais belo do que os das outras Patrulhas, apurará o seu senso estético e o seu gosto artístico. A necessidade de ornamentar o *Livro* e encaderná-lo, despertará e revelará verdadeiras vocações artísticas; o registo que terão de fazer das receitas e despesas e do próprio inventário do material, iniciá-los-á, ainda que rudimentarmente, nos segredos da contabilidade. A elaboração das actas ou sumários das reuniões e dos relatórios das excursões, passeios e acampamentos, iniciá-los-á nos *mistérios* da redacção literária e treiná-los-á na expressão fácil e clara dos seus pensamentos e das suas opiniões e impressões, etc., etc.. E mais: como adiante teremos ocasião de ver, a confecção material do *Livro de Patrulha* constitui, de certo modo e até certo ponto, um magnífico *trabalho manual*, — uma utilização prática e eficiente daqueles *trabalhos manuais educativos*, que tanto relevo têm, a que tanta importância se dá no «*Scouting for Boys*» e que tão esquecidos são, por vezes, nos nossos Grupos de escoteiros.

Assim, e por tudo o que fica dito, o *Livro de Patrulha* apresenta-se como um *meio de acção* não apenas utilizável, mas absolutamente indispensável no Escotismo; e ao ponto de se poder talvez afirmar, sem exagero, que, num Grupo que queira realmente ser um *bom Grupo*, nenhuma Patrulha se deverá constituir sem que inicie imediatamente a organização do seu *Livro*.

(*Continua no próximo número*)

WAGONS-LITS // COOK

Mais de 350 **A**gências no mundo

Viagens em **G**rupo e individuais à «Forfait» (tudo incluído)

Organização de excursões e congressos

Serviço de Ba**N**co e de Câmbios

Guia**S** e intérpretes

Bi**L**hetes de comboio, W. Restaurante, W. Lits, Pullman

Av**I**ão, Barco e Cruzeiros

Transporte de bagagens e mercadorias — Seguros

Vi**S**tos e Passaportes

Wagons-Lits//**C**ook

Oferece-vos os serviços

duma **O**rganização Mundial

Coo**K**//Wagons-Lits

•

Agências em Portugal e Ultramar:

LISBOA—ESTORIL—PORTO—LOURENÇO MARQUES
LUANDA (a abrir brevemente)

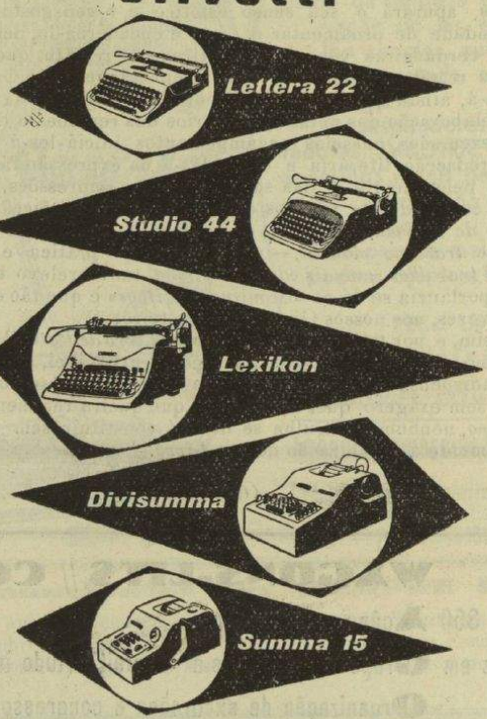
MAIS DE 100 ANOS DE EXPERIÊNCIA!

Metalúrgica, L.da

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL

Rua da Bica do Sapato, 46 — Telef. 847141

olivetti



A maior industria Europeia de máquinas de escritório, proporciona uma gama completa, de rigorosa precisão, quer para escrever ou calcular.

Representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS SIDA, LDA.
Rua de S. Nicolau, 44-48 — Telefone 3 3027 — Lisboa

Distribuidores no Norte:
ARAUJO & SOBRINHO, Surs.
Largo de S. Domingos, 50 - Telefone 2 9151 — Porto

SOCIEDADE ROMEIRENSE DE FARINHAS EM RAMA, L.DA

Telef. 8 — ROMEIRA (SANTARÉM)

FARINHAS DE TRIGO, MILHO E CENTEIO

JOÃO MAIA

ARMAZÉM DE CEREAIS

CEREAIS • SÊMEA • FARINHAS

Telef. 4 — SANTARÉM

BONUS DE 10% a 20%

mediante a apresentação deste anúncio na

ELECTRO-BRILHANTE

TELEF. 3 2262

Rua dos Fanqueiros, 187

LISBOA

TUDO PARA ELECTRICIDADE

PASTELARIA IMPERIAL, L.DA

Avenida António Augusto de Aguiar, 27
Telefone 4 7108
LISBOA

PASTELARIAS
SALÃO DE CHÁ

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BAPTIZADOS

ESPECIALIDADE DA CASA

BIFES À IMPERIAL

PENGOLDEN

Detergent

Motor Oil

Óleo da mais alta classe

— DESCARBONIZANTE —

DISTRIBUIDORES GERAIS:

VALADAS, L.DA

LISBOA/PORTO/COVILHÃ/ÉVORA/BEJA/FUNCHAL

GARAGEM E ESTAÇÃO DE SERVIÇO

«SANTA APOLONIA»

RUA DO MIRANTE, 20-22 • LISBOA



Gabinete Técnico

José M. Nobre Santos e Gabriel Constante Jr.

(Telef. 764526) (Telef. 42221)

ENGENHEIROS

Rua Pascoal de Melo, 66—cave D.

(Telef. 51214)

TODOS OS TRABALHOS DE ENGENHARIA CIVIL

Construção urbana e industrial. — Estradas, pontes e arruamentos. — Cálculos de estruturas (betão armado, metálicas e outras). — Distribuição de águas e redes de esgotos. — Estações de tratamentos de águas e esgotos. — Direcção de obras.

TRABALHOS EXECUTADOS EM

LISBOA — OEIRAS — SINTRA — AMADORA — QUELUZ — CASCAIS — MONTIJO — VALADO — SANTA CLARA (ALENTEJO) — AÇORES — GUINÉ — LUANDA

Escovas para todas as indústrias

CHAMPLON

Rua Maria Andrade, 32

Telef. 843389 — LISBOA

É bom saber...

Panelas de pressão

por A. R. N.

A despeito do seu preço relativamente alto, as panelas de pressão estão sendo cada vez mais e melhor aceites entre nós. São aparelhos de real valor prático, com as vantagens, entre outras, de economizar combustível e facultar o preparo mais rápido e, às vezes, mais saboroso que as panelas do tipo comum.

Entretanto... essas autoclaves domésticas não deixam de apresentar inconvenientes e mesmo perigos, aliás fàcilmente evitáveis. Entre as desvantagens cabe citar o facto de que muitas vezes, aliás sempre devido a descuido ou exagero de quem com elas lida, cozinham demais os alimentos, tirando-lhes boa parte do sabor e, mesmo, do valor nutritivo, o que sucede quando ficam muito tempo no fogo. Entre os perigos, cabe indicar como principais a precipitação de abri-las antes do tempo devido, o que pode ocasionar sérias queimaduras e o risco, muito remoto, mas sempre possível, de alguma explosão quando deixadas por muito tempo no fogo aceso e não tenham o «apito» ou a válvula de escapamento funcionando normalmente.

Fora disso, a panela de pressão é uma das conquistas da cozinha moderna, cabendo advertir, entretanto, que quando mal fechada ou frouxa a sua guarnição elástica, o vapor escapa fàcilmente e a sua utilidade fica muito reduzida, em tais casos funcionando quase como uma panela comum. — *SPES de São Paulo.*

O Chefe Chico...

Quando o nosso Grupo se formou na nossa aldeia, todos queriam ser Chefes. Para nós, ser Chefe, significava mandar os outros trabalhar, carregar com baldes de água e grandes pedras... No entanto, apareceu um dia um homem que havia de transformar estas teorias e que era afinal o maior Chefe daquela região. O seu nome era Chico e possuía um enorme cão que o acompanhava para toda a parte, remexendo muito a cauda.

Chefe Chico lutou ao princípio com muitas dificuldades... Embora o seu bigode tremesse quando ele estava zangado, nenhum de nós o tomava muito a sério: ele começava a ensinar-nos e o cão começava a ladrar, se se falava em espírito de iniciativa, o cão desatava aos saltos pela sede deitando tudo abaixo. Isto ficou assim até ao dia em que Chefe Chico disse que se ia embora pois havia falhado; nesse momento, descobrímos que não podíamos passar sem ele e sem o maroto do cão.

Nunca havíamos visto tantas coisas belas que a Natureza tinha: Chefe Chico sabia tudo, tudo... Víamos abelhas realizando a sua tarefa diária, passarinhos bebendo água, insectos vivendo a sua vida, regatos escondidos, etc.. Durante mais de dois anos, fomos uma só família. Depois, crescemos, dispersámo-nos. Chefe Chico mudou-se para outra região e nunca mais ninguém o viu.

Há dias, decidi visitar o meu antigo Grupo... Era Dia de Natal e qualquer coisa me atraía lá. Descobri no fundo da gaveta os meus calções de outrora, o lenço, o apito, todo o uniforme. Quando saltei do comboio e corri para a sede que durante tanto tempo havia sido a minha segunda casa, quedei, espantado: um grande barulho saía de lá de dentro, como se tudo estivesse sendo bombardeado. O meu coração deu um pulo e entrei... Com um livro na mão e com o seu grande chapéu de escoteiro cheio de neve, estava Chefe Chico, muito velho, falando sobre o espírito de iniciativa enquanto o cão dava pulos de contentamento. Não havia dúvida: Chefe Chico era um grande Chefe!

JORGE ADOLFO CIERCO
Escoteiro do Grupo 85

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 10

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

— Eis-me aqui — exclamou ele, — e, segundo vejo, nenhum de vocês ficou muito satisfeito com a minha chegada. E o caso é que não te trago boas notícias, Estêvão; antes pelo contrário. A fábrica e a casa de habitação estão guardadas pela polícia, e em redor de todo o edifício andam patrulhas de cossacos. Um grande número dos nossos está preso, e corre o boato de que os trabalhos vão recomeçar para a semana, e que há gente nova contratada.

— Aquilo significa que o papá está livre—segredou Alfredo.— Oh, quem dera que estivéssemos lá!

— Segundo ouvi dizer—continuou Gavril,— não há canto nem buraco que não tenha sido esquadrinhado para ver se dão com esses rapazelhos, e já ofereceram uma recompensa, mas não é coisa para tentar. Daqui a dois ou três dias oferecerão o dobro do que hoje oferecem, e é então possível que eu me resolva a conduzir estas interessantes e meigas crianças ao lar paterno.

Estêvão não proferiu palavra e Gavril prosseguiu:

— E agora, depois de contar todas estas novidades, não mereço que me dêem de cear?

— Há ali muita comida no armário; serve-te a ti mesmo—disse Estêvão.

— Então, depois duma tão grande viajata, não tenho nada quente para beber?

Durante uns momentos Estêvão mostrou-se como que indiferente àquele pedido, mas depois, como se obedecesse a um súbito impulso, replicou:—«Está bem, vou preparar um pouco de café».

Gavril resmungou umas palavras de agradecimento e foi tratar do cavalo, enquanto Estêvão punha a água a ferver.

— O Estêvão—segredou Eduardo—como é que a gente se há-de safar agora, com o Cicatriz-Vermelha aqui?

— É pena, realmente—respondeu Alfredo.—E, de mais a mais, tendo nós combinado as coisas tão bem!

Estêvão olhou para ele, pairando-lhe no rosto trigueiro uma espécie de sorriso.

— Não desanimem, meus filhos—exclamou ele.—Tenho um pressentimento de que Gavril não há-de ficar a rir-se de nós.

O Cicatriz-Vermelha adormece — Alfredo e Eduardo fogem com o garrano

Estêvão deu a entender que não queria que lhe fizessem perguntas, mas os rapazes perceberam que ele tinha qualquer plano definido, e nos seus coraçõezinhos renasceu a esperança.

Conservaram-se sossegadamente deitados, observando-o. Viram-no deitar lenha no fogão, e pôr a água ao lume. Viram-no, igualmente, pegar na lata do café e tirar uma abundante porção.

E depois viram uma outra coisa que os deixou admirados. Numa pequena caçarola que continha apenas uma pouca de água no fundo despejou de um saquinho uma espécie de vagens secas, dum verde desmaiado. Tapou a caçarola com uma tampa e pôs o conteúdo a ferver. Depois, quando chegou a ocasião de passar o café pelo saco, deitou neste também a decoção que havia preparado na caçarola, misturando-a assim com o café.

Este estava já pronto, e a caçarola havia sido lavada e posta no seu lugar, quando Gavril reapareceu.

— Trata agora de cear quanto antes—disse Estêvão.—Não nos deixas dormir, nem a mim nem aos pequenos; esqueces-te de que tenho de partir muito cedo.

Gavril resmungou o que quer que fosse e tomou uma grande golada de café.

— Este café tem um gosto esquisito—exclamou ele.—Que lhe deitaste tu?

— Que havia eu de lhe deitar?—replicou o outro friamente.— Provàvelmente é porque foi feito muito à pressa. Quem vem de fora a estas horas da noite não pode esperar, aqui neste ermo, uma ceia como a que encontraria num hotel.

— Enfim, o principal é ele aquecer-me—disse Gavril.

— E tem leite condensado, que é muito nutritivo. Bebe-o para te deitares, que eu quero apagar a luz.

Gavril não disse mais nada. Comeu um bocado de pão com queijo e dois pepinos metidos em sal e bebeu o café todo. Depois, vencido pelo cansaço, embrulhou-se na sua pele de carneiro, deitou-se sobre um monte de palha que havia a um canto e daí a minutos ressonava a bom ressonar.

(Continua)